



ISSN: 2358-0844  
n. 18, v. 1  
out.2022-dez.2022  
p. 266-281

# A homofobia em espaços públicos e privados: antropologia do corpo e das emoções em Nelson Rodrigues

*(Homophobia in public and private spaces: anthropology of the body and emotions in Nelson Rodrigues)*

*(La homofobia en los espacios públicos y privados: antropología del cuerpo y las emociones en Nelson Rodrigues)*

Jeferson Camargo Taborda<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho realiza uma antropologia do corpo e das emoções sobre o conto *Delicado* de Nelson Rodrigues. A articulação entre a literatura e a antropologia pode ser uma maneira interessante de problematizar o modo como a homofobia é agenciada socialmente. Apesar do conto estar ambientado nos anos de 1950, os estereótipos presentes nas personagens ajudam a pensar muitas questões atuais em nossa cultura. As ferramentas analíticas se ancoram na antropologia do corpo e das emoções junto com as discussões da obra *Dominação Masculina* de Pierre Bourdieu. A perda da virilidade é entendida o principal disparador para a emergência de discursos homofóbicos. A investigação desta microfísica produzida pela literatura pode auxiliar a compreender como a homofobia circula tanto em espaços públicos como privados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antropologia das emoções. Sociologia da literatura. Nelson Rodrigues. Homofobia.

**Abstract:** The work performs an anthropology of the body and emotions about the short story *Delicado* by Nelson Rodrigues. The articulation between literature and anthropology can be an interesting way of problematizing the way homophobia is socially managed. Despite the tale being set in the 1950s, the stereotypes present in the characters help to think about many current issues in our culture. The analytical tools are anchored in the anthropology of the body and emotions along with the discussions of the work *Male Domination* by Pierre Bourdieu. The loss of virility is conceived as the main trigger for the emergence of homophobic discourses. The investigation of this microphysics produced by the literature can help to understand how homophobia circulates both in public and private spaces.

**Keywords:** Anthropology of emotions. Sociology of literature. Nelson Rodrigues. Homophobia.

**Resumen:** El trabajo realiza una antropología del cuerpo y las emociones a partir del cuento *Delicado* de Nelson Rodrigues. La articulación entre literatura y antropología puede ser una forma interesante de problematizar la forma en que se gestiona socialmente la homofobia. A pesar de que la historia está ambientada en la década de 1950, los estereotipos presentes en los personajes ayudan a pensar muchos temas actuales de nuestra cultura. Las herramientas analíticas están ancladas en la antropología del cuerpo y las emociones junto con las discusiones de la obra *Male Domination* de Pierre Bourdieu. La pérdida de virilidad se concibe como el principal detonante del surgimiento de discursos homofóbicos. La investigación de esta microfísica que produce la literatura puede ayudar a comprender cómo circula la homofobia tanto en espacios públicos como privados.

**Palabras clave:** Antropología de las emociones. Sociología de la literatura. Nelson Rodrigues. Homofobia.

<sup>1</sup> Graduado em Psicologia, mestre e doutor em Psicologia da Saúde pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Mestrando em Antropologia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Professor titular da graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Paranaíba (CPAR/UFMS) e membro efetivo do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas (FACH/UFMS), Campo Grande. E-mail: j.taborda@hotmail.com



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 14/07/2022  
Aceito em 19/09/2022

## 1 Introdução

A homofobia é um fenômeno bastante complexo e uma grave questão de saúde pública. Quando ocorre no âmbito familiar isso se torna mais problemático, pois o sujeito perde sua principal rede de apoio, deixando-o ainda mais vulnerável, o que pode implicar em casos de preconceito, discriminação e até violência autoprovocada, como o suicídio. (FRAZÃO; ROSÁRIO, 2008; NASCIMENTO; SCORSOLINI-COMIN, 2018; SANTOS; FERNANDES, 2009)

Uma forma de abordar antropológicamente a homofobia pode ser a partir da literatura. Segundo Facina (2004b), a literatura não é um mero reflexo da sociedade, mas um tipo de visão de mundo que expressa crenças e valores a partir de experiências concretas. Analisar uma obra literária é, portanto, muito mais que um exercício de interpretação teórica, pois tem relação direta com experiências de grupos e indivíduos situados histórica e socialmente. Neste sentido, a realização de análises antropológicas de obras literárias é algo tão antigo quanto a própria disciplina<sup>2</sup>. (FACINA, 2004b)

A riqueza de elementos cotidianos e políticos nas obras de Nelson Rodrigues talvez explique o grande número de análises sociológicas e antropológicas existentes sobre este autor (CARVALHO JÚNIOR, 2015) Dentre os grandes nomes da antropologia brasileira, Gilberto Velho (1999) foi um dos autores que provavelmente mais fez uso da literatura de Nelson Rodrigues. Inspirado nos trabalhos de Howard Becker sobre a sociologia do desvio, o autor realizou interessantes estudos articulando antropologia urbana e aspectos emocionais (VELHO, 1994; 2013).

Para Gilberto Velho (1994, p. 83), a relação entre homossexualidade e heterossexualidade é sempre tensa: “o que chamamos de desvio existe e não está fora da sociedade, mas esta anda sempre em uma corda-bamba, sustentada por um pacto”. O pacto mencionado é o da heterossexualidade, o que por conseguinte coloca todas as demais experiências no campo do desvio. Contudo, o autor entende que o desvio não é algo imoral, mas parte constitutiva da vida social. Isso ocorre porque as famílias, especialmente da classe média brasileira, compartilham um projeto comum para seus filhos: escola, faculdade, trabalho, casamento, filhos e netos. Conforme Velho (2013), essa trajetória pode sofrer inúmeras modificações, seja por uma gravidez precoce ou pela morte precoce de um familiar muito próximo, mas na grande maioria das vezes, a família nuclear é o projeto idealizado para que os filhos sigam.

O desvio só pode ser plenamente compreendido a partir da noção de projeto. No entanto, convém destacar que para o autor o projeto nunca é algo individual e nem subjetivo, apesar dos

---

<sup>2</sup> Existe o campo denominado sociologia da literatura que é bastante amplo e variado. Contudo, como aqui pretendo articular exclusivamente literatura e antropologia, não me deterei nos aspectos desta vertente. (ALVES; LEÃO; TEIXEIRA, 2018)



sujeitos assim o perceberem: “[...] mesmo que o autor viva a sua experiência como única, ele de alguma forma reconhece-se nos outros através de semelhanças e coincidências”. (VELHO, 2013, p. 102) Na verdade, os projetos familiares são sempre constituintes da cultura ao qual pertencem, que no caso das famílias de classe média brasileiras pode ser caracterizada como uma cultura hiperindividualista e que superestima o processo autobiográfico.

As noções de projeto e de desvio como socialmente partilhados podem ajudar a compreender como a homofobia é ao mesmo tempo um evento privado e público ao mesmo tempo. As obras de Nelson Rodrigues exaltam justamente estas características.

Outra autora da antropologia que fez uma interessante incursão no universo rodrigueano foi Adriana Facina. Sua obra *Santos e Canalhas: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues* (2004b), realiza uma profunda análise etnográfica ancorada nos referenciais de Pierre Bourdieu articulando o campo do artista e de sua obra. Conforme a autora, é preciso compreender “os intelectuais como uma categoria social detentora de um poder simbólico capaz de criar representações sobre a vida urbana que fundam um imaginário acerca da cidade, através do qual podemos entrever suas percepções da sociedade como um todo”. (FACINA, 2004b, p. 24) Um exemplo disso é a visão binária de natureza humana (masculina/feminina assim como heterossexual e homossexual) presente em Nelson Rodrigues. A análise antropológica destas ontologias pode ser uma pista interessante para analisar a violência simbólica que presenciamos cotidianamente nos casos de homofobia.

Facina (2004b) entende que as habilidades artísticas de Nelson Rodrigues ao mesmo tempo em que forneciam uma grande riqueza para seus enredos e identidades ambientadas no universo carioca dos anos de 1950, foi capaz também de evidenciar as profundas transformações sociais que ocorriam no período.

A escolha do conto *Delicado* não é fortuita. A obra já foi objeto de análises semióticas. (TAKARA; BORGES-TEIXEIRA, 2011), do Direito (SOUSA, 2020) e estudos *queer* (TAKARA, 2017; VALENTE, 2020) Para analisar o conto escolhido, foram selecionadas as ferramentas presentes na antropologia do corpo e das emoções articuladas com as discussões da obra *Dominação Masculina* de Pierre Bourdieu.

Conforme a perspectiva bourdieusiana, a divisão sexual está presente “em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação”. (BOURDIEU, 2012, p. 17) Essa presença maciça e constante da divisão entre os sexos tende a produzir tanto objetos sexuados (o autor cita os cômodos das casas) como também a própria realidade biológica do corpo, visto que esta



realidade sexuada é produto do mundo social.

Conforme Le Breton (2012, p. 7), “o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída [...] Antes de qualquer coisa, a existência é corporal”. Isso significa que o corpo não é algo passivo e inerte, mas objeto de inúmeras tensões e disputas. Os corpos não apenas se movem, mas estão o tempo todo produzindo valores sociais. Além disso, não é possível falar do corpo sem as expressões emocionais que o acompanham. Apesar das emoções estarem desde o início nas discussões antropológicas, somente a partir dos anos de 1990, em especial no Brasil, o campo denominado antropologia das emoções vem ganhando bastante força. Neste sentido, entende-se que as emoções são mais que uma expressão dos sujeitos individuais, trata-se de uma construção social e histórica, na maioria das vezes ‘obrigatória’, e que depende exclusivamente do contexto em que foram geradas. (REZENDE; COELHO, 2010)

Os tensionamentos entre corpo e emoção tornam-se mais visíveis quando pensamos nas hierarquias de gênero. Nestes casos, a noção de violência simbólica de Bourdieu (2012) pode ser uma importante ferramenta, pois evidencia as diferentes estruturas que sustentam as relações de poder. Na grande maioria das vezes a violência masculina é explícita e direta, mas também pode ser muito sutil. O olhar lento e detalhado da literatura pode ser uma estratégia interessante para perceber essas sutilezas no cotidiano. Além de Bourdieu, busca-se também contribuições de Compagnon (1996), Souza (2008) e Souza e Dalberto (2013).

Para tanto, a proposta é analisar o discurso homofóbico presente no conto *Delicado* de Nelson Rodrigues procurando dar ênfase ao papel do corpo e das emoções neste processo. Pretende, igualmente, problematizar a homofobia não como algo exclusivamente familiar, mas enquanto um processo social que circula tanto em espaços públicos como privados

## 2 A vida como ela é...

Considerado um dos dramaturgos mais influentes do Brasil, o escritor e jornalista Nelson Falcão Rodrigues era uma figura polêmica e envolta em críticas. Ao mesmo tempo em que se posicionava como conservador e moralista, chegando mesmo a defender a ditadura militar, era taxado de pervertido e ‘comunista’ pelo teor de suas obras<sup>3</sup>. Sua vasta produção literária, marcada por traições, machismo, incestos e mortes, era capaz de tocar em temas muito sensíveis, ao mesmo tempo em que denunciava a hipocrisia e as transformações sociais que o país passava. Segundo Facina (2004b), para ser bem sucedida a análise socioantropológica de obras literárias, é preciso ir além da biografia do autor e tentar analisar o contexto detalhado de quando foi realizada a obra.

<sup>3</sup> A biografia detalhada de Nelson Rodrigues pode ser encontrada em CASTRO (1992).



*A Vida como ela é*, obra aqui analisada e considerada uma das mais importantes de sua carreira, foi escrita entre 1951 e 1961 num momento de grandes mudanças políticas e econômicas. O país passava por uma intensa urbanização e modernização e essas transformações eram sentidas nos valores e mudanças de hábitos, sendo que a principal instituição afetada era a composição ocidental de família: patriarcal, cisheteronormativa<sup>4</sup> e capitalista de supremacia branca. Neste sentido, as obras de Nelson Rodrigues são efeito e tentativa de manutenção deste tipo de estrutura que se via ameaçada com as transformações sociais que ocorriam. Nesse tipo de família imperava o *pater familias*, o poder absoluto do pai sobre os demais membros, a rígida hierarquia, o valor da monogamia, principalmente para a mulher, e a defesa da honra. Não é por acaso que praticamente todos os contos desta obra derivam de dilemas familiares. Do mesmo modo, percebe-se que sempre as personagens principais são marcadas por sua posição na família: pai, mãe, filho, sogra, avô. (CARVALHO JÚNIOR, 2015; FACINA, 2004b)

Os desfechos trágicos de suas histórias quase sempre culminam em violência e morte que, de certo modo, aparecem como uma espécie de punição por violarem os valores da família tradicional. (FACINA, 2004b) A traição feminina, tema recorrente do autor, é quase sempre lavada com sangue. E apesar da homossexualidade ser algo menos frequente em seus trabalhos, quando ela aparece também termina em morte, no caso em suicídio.

Segundo a ótica moralista do autor, tanto a mulher adúltera quanto o homossexual são traidores da ordem social e a consequência de seus desvios é o fim trágico. Contudo, para além do conteúdo fatídico que a obra remete, importa realizar aqui uma discussão antropológica do corpo e das emoções, evidenciando o quanto o discurso homofóbico é uma produção social e pública, e não algo exclusivo da família privada.

### 3 A homofobia na casa e na rua

Apesar da família se apresentar como o elemento principal das narrativas de *A vida como ela é*, centrar-se exclusivamente nela para abordar a homofobia tornaria essa discussão incompleta. Isto porque a grande problemática que a homofobia levanta é justamente a relação entre a vida privada e pública.

Segundo o antropólogo Roberto DaMatta (1987), o espaço privado da casa e o espaço público da rua se apresentam como categorias fundamentais para compreender os processos

4 Cisheteronormatividade é a junção do termo cisgênero e heteronormatividade. O prefixo cis refere-se às pessoas que se identificam com o gênero atribuído no nascimento enquanto heteronormatividade trata-se da naturalização de normas heterossexuais para as demais orientações e identidades sexuais. Conforme Mattos (apud Soares e Machado, 2017, p. 17), a cisheteronormatividade pode ser entendida como “um campo especialmente prolífico na produção de conceitos, categorias e teorias que promoveram uma naturalização do elo entre determinado genital, sexo, gênero e orientação sexual”.



existentes em sociedades complexas. Mais do que um ambiente físico, a casa é o espaço da inculcação de hábitos, da moralização das condutas e das emoções. No entanto, a casa, assim como a família que nela habita, não existe isolada do mundo. Ela está o tempo todo afetando e sendo afetada pelas relações que mantém com a rua, espaço público e de circulação por excelência.

Florentina Souza (2008) avança sobre essa discussão enfatizando que a inferiorização do espaço doméstico trata-se de uma construção social e histórica. A produção dessa hierarquia público-privado busca colocar a mulher numa posição inferior e secundária. No entanto, para a autora, muitas das decisões realizadas no espaço público têm relação direta com a vida privada e doméstica. A homofobia presente no conto *Delicado*, objeto desta análise, aparece justamente como um processo resultante desta relação conflituosa entre o âmbito público e privado.

A homofobia pode ser entendida como um discurso de ódio dentre os diferentes aspectos da LGBTfobia. Ela pode ser definida como “o medo, a aversão, ou o ódio irracional a todas as pessoas que manifestem orientação sexual ou identidade/expressão de gênero diferente dos padrões heteronormativos”. (REIS, 2018, p. 35)

Pela ótica de Bourdieu (2012), é possível dizer que o discurso homofóbico atua como um mecanismo de regulação da dominação masculina, um tipo de violência simbólica na medida em que a virilidade é entendida como seu principal capital simbólico. O autor denomina de poder simbólico esse tipo de relação que constitui o mundo cotidiano e cujo objetivo é a naturalização do consenso: “o poder simbólico é uma forma imperceptível e invisível de impor o poder, e só é possível devido à cumplicidade daqueles que não querem saber se estão sujeitos a ele”. (BOURDIEU, 2004 apud SOUZA; DALBERTO, 2013)

A construção do corpo viril constitui um processo longo e permanente inscrito diretamente nos corpos e nas emoções. A virilidade “é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo”. (BOURDIEU, 2012, p. 67) Ela visa impor a distinção de quem pode circular por espaços públicos e de quem não pode.

No intuito de investigar essas questões presentes no conto *Delicado* utilizarei em vários momentos longas citações da obra. Justifico seu uso constante a partir de Compagnon (1996, p. 29): “a citação tenta reproduzir na escrita uma paixão da leitura [...]. A citação repete, faz com que a leitura ressoe na escrita: é que, na verdade, leitura e escrita são a mesma coisa”.

Neste sentido, a partir de alguns excertos da obra de Nelson Rodrigues, pretende-se realizar uma antropologia do corpo e das emoções de modo a problematizar como a homofobia é produzida e circula pelos âmbitos do público e do privado.



#### 4 Analisando o corpo delicado

Nelson Rodrigues inicia seu conto nos apresentando Macário, pai de sete filhas que sofria muito por ainda não ter um filho homem. O grande contraste com o número de filhas busca dar ênfase da necessidade que tinha o nascimento de um filho homem.

Primeiro, o casal teve sete filhas! O pai, que se chamava Macário, coçava a cabeça, numa exclamação única e consternada:

— Papagaio!

Era um santo e obstinado homem. Sua utopia de namorado fora um simples e exíguo casal de filhos, um de cada sexo. Veio a primeira menina, mais outra, uma terceira, uma quarta e outro qualquer teria desistido, considerado que a vida encareceu muito. Mas seu Macário incluía entre seus defeitos o de ser teimoso. Na quinta filha, pessoas sensatas aconselharam: “Entrega os pontos, que é mais negócio!”. Seu Macário respirou fundo:

— Não, nunca! Nunca! Eu não sossego enquanto não tiver um filho homem! (RODRIGUES, 1992, p. 39)

Sua preocupação é expressa pelo ato de coçar a cabeça e exclamar “papagaio”, uma gíria da época. É preciso ressaltar que este incômodo era muito comum entre as famílias desde o Brasil Colonial: o nascimento de um filho homem era considerado de suma importância ao ponto de ser comum o casal ter quase uma dezena de filhas até conseguir o nascimento de um filho homem. Para a família patriarcal o primogênito era o herdeiro legítimo, o provedor e senhor absoluto de todas as propriedades, fossem elas materiais ou humanas, incluindo mulheres, crianças e agregados... (FACINA, 2004b)

Outro ponto interessante deste excerto é a respiração profunda, várias vezes citada na trama como se verá. É possível que a respiração tenha sido um modo do autor destacar a teimosia da personagem, como se respirar profundamente fosse uma forma de buscar as razões no mais fundo de seu espírito. Não é por acaso que as palavras espírito e respiração possuem uma mesma origem etimológica. Mas mesmo que não tenha sido essa a intenção original do autor, o fato é que se trata de mais um esforço de salientar a necessidade do nascimento de um filho homem.

Num segundo momento conhecemos dona Flávia, sua esposa, que é apresentada segundo o modelo ideal de maternidade:

Por sorte, casara-se com uma mulher; d. Flávia, que era, acima de tudo, mãe. Sua gravidez transcorria docemente, sem enjôos, desejos, tranqüila, quase eufórica. Quanto ao parto propriamente, era outro fenômeno estranhíssimo. Punha os filhos no mundo sem um gemido, sem uma careta. O marido sofria mais. Digo ‘sofria mais’ porque o acometia, nessas ocasiões, uma dor de dente apocalíptica, de origem emocional. O caso dava o que pensar, pois Macário tinha na boca uma chapa dupla. Quando nasceu a sétima filha, o marido arrancou de si um suspiro em profundidade; e anunciou: — Minha mulher, agora nós vamos fazer a última tentativa! (RODRIGUES, 1992, p. 39)

O corpo e as emoções da mãe são completamente alienados. Tal como a Virgem Maria, protótipo da maternidade no mundo Ocidental, a mulher da família patriarcal se realiza parindo. O



corpo parturiente de Dona Flávia é um corpo alienado de si mesma. Para Pierre Bourdieu (2012, p. 83): “É na pequena burguesia, que devido à sua posição no espaço social está particularmente exposta a todos os efeitos da ansiedade em relação ao olhar social, que as mulheres atingem a forma extrema da alienação simbólica”.

No momento do nascimento é o pai quem sente as dores do parto: “uma dor de dente apocalíptica, de origem emocional”. Num processo de complementaridade e cumplicidade, enquanto a mulher sorria durante o parto, seu marido sofria: “As proposições paternas têm um efeito mágico de constituição, de nomeação criadora, porque falam diretamente ao corpo”. (BOURDIEU, 2012, p. 88) Essa psicossomatização é apresentada ao leitor como um modo de dar mais ênfase ao drama de não conseguir ser pai de um filho homem. Seu sofrimento é emocional justamente porque é visceral: nada mais concreto do que uma dor de dente ‘apocalíptica’. E ao concluir que a sétima criança é também uma filha, novamente Macário “arrancou de si um suspiro em profundidade” declarando que a próxima seria a última tentativa.

Quando ocorre o oitavo parto, “os nervos de seu Macário estão em pandarecos”. (REZENDE, 1992, p. 39) Durante muito tempo, os nervos foram entendidos como o mais primitivo dos processos emocionais, o limiar entre a dimensão biológica e a psicológica, e não por acaso deriva daí a palavra ‘nervoso’. A categoria ‘nervosa’ emerge, conforme a leitura da antropologia das emoções, a partir de um certo fisicalismo, ou seja, toma a corporalidade como dotada de uma lógica própria. Contudo, “as emoções, embora situadas no corpo, têm com este uma relação que é permeada sempre por significados culturalmente e historicamente construídos”. (REZENDE; COELHO, 2010, p. 32)

Sua reclamação de que os dentes doem, para além de um simples cacoete, podem ser lidos também na perspectiva de Marcel Mauss (1981) para o qual a expressão das emoções são um processo público e obrigatório: era esperado que nessa circunstância de parto seus dentes sofressem terríveis dores. Por isso, a dentadura é citada como um “grande termômetro em qualquer parto da esposa”, ou seja, ela se tornou o signo da expectativa coletiva, pois não apenas ele mas toda a comunidade familiar se encontra neste momento considerado de suma importância.

O próximo tópico é intitulado ‘Eusebiozinho’, em que narra o nascimento do primeiro filho homem de Macário. Neste trecho temos vários acontecimentos interessantes para esta análise:

Assim nasceu o Eusebiozinho, no parto mais indolor que se possa imaginar. Uma prima solteirona veio perguntar, sôfrega: “Levou algum ponto?”. Ralharam: — Sossega o periquito!

O fato é que seu Macário atingira, em cheio, o seu ideal de pai. Nascido o filho e passada a dor da chapa dupla, o homem gemeu: “Tenho um filho homem. Agora posso morrer!”. E, de fato, quarenta e oito horas depois, estava almoçando, quando desaba com a cabeça no prato. Um derrame fulminante antes da sobremesa. Para d. Flávia foi um desgosto



pavoroso. Chorou, bateu com a cabeça nas paredes, teve que ser subjugada. E, na realidade, só sossegava na hora de dar o peito. Então, assoava-se e dizia à pessoa mais próximo: — Traz o Eusebiozinho que é hora de mamar! (RODRIGUES, 1992, p. 40)

Aqui temos novamente a descrição do que seria o ideal de maternidade: um parto indolor. É preciso ressaltar aqui novamente o corpo alienado enquanto meio e instrumento para procriação.

Um detalhe minúsculo, mas igualmente interessante que também revela este ponto, é quando uma prima solteirona pergunta se Dona Flávia havia sofrido algum ponto, o que a princípio seria uma pergunta absolutamente normal. Contudo, sua pergunta foi considerada não apenas tola, mas também um ultraje.

A definição social dos órgãos sexuais, longe de ser um simples registro de propriedades naturais, diretamente expostas à percepção, é produto de uma construção efetuada à custa de uma série de escolhas orientadas, ou melhor, através da acentuação de certas diferenças, ou do obscurecimento de certas semelhanças. (BOURDIEU, 2012, p. 23)

Conforme este autor, a vagina tem sido socialmente constituída como objeto sagrado. É como se esta parte do corpo feminino não pudesse ser mencionada ou sequer imaginada. O questionamento objetivo e direto sobre um possível ferimento na vagina revelou o que deveria permanecer em segredo, daí a retaliação social.

Com o falecimento do marido isso não implicou na diminuição do poder simbólico do masculino, mas justo o contrário. Mesmo com a ausência de seu corpo físico, neste momento vemos com mais força a dominação masculina sendo exercida: “o poder simbólico não pode se exercer sem a colaboração dos que lhes são subordinados e que só subordinam a ele porque o constroem como poder”. (BOURDIEU, 2012, p. 53)

Convém trazer aqui a discussão de Marcel Mauss sobre a obrigação dos sentimentos nos ritos funerários: “Não só o choro, mas toda uma série de expressões orais de sentimentos não são fenômenos exclusivamente psicológicos ou fisiológicos, mas sim fenômenos sociais, marcados por manifestações não-espontâneas e da mais perfeita obrigação”. (MAUSS, 1981, p. 147) Se a esposa sofre de forma intensa e compulsiva, não se trata de falsidade nem o ‘retorno do recalado’, como diriam os psicanalistas. A antropologia das emoções compreende que o luto varia de sociedade para sociedade e está diretamente relacionado com cada contexto. (REZENDE; COELHO, 2010) Numa sociedade patriarcal e cisheteronormativa, o profundo pesar sentido por Dona Flávia busca justamente dar ênfase à dependência da mulher ao marido.

A posição superior do marido, centro da família patriarcal, indica um luto à altura de seu papel. Seu sofrimento busca expressar o fim de seu papel de esposa como também o fim da



possibilidade de novos partos. Ela só se acalma quando retorna para seu ‘lugar natural’: a hora de amamentar.

No próximo tópico ‘Flor de rapaz’ acompanhamos o processo de socialização e educação do protagonista. O título, assim como o modo de nomear o rapaz por um diminutivo, demonstra como o autor usa e abusa de estereótipos relacionados à feminilidade.

Eusebiozinho criou-se agarrado às saias da mãe, das irmãs, das tias, das vizinhas. Desde criança, só gostava de companhias femininas. Qualquer homem infundia-lhe terror. De resto, a mãe e as irmãs o segregavam dos outros meninos. Recomendavam: “Brinca só com meninas, ouviu? Menino diz nomes feios!”. O fato é que, num lar que era uma bastilha de mulheres, ele atingiu os dezesseis anos sem ter jamais proferido um nome feio, ou tentado um cigarro. Não se podia desejar maior doçura de modos, idéias, sentimentos. Era adorado em casa, inclusive pelas criadas. As irmãs não se casavam, porque deveres matrimoniais viriam afastá-las do rapaz. (RODRIGUES, 1992, p. 40)

Florentina Souza (2008) analisando os estereótipos das mulheres negras na literatura brasileira destaca o modo como os autores, predominantemente brancos, usaram e abusaram de metáforas que naturalizavam a inferioridade das mulheres, especialmente as pretas: “racismo, sexismo e gênero entrelaçam-se e reiteram estereótipos e discriminações”. (SOUZA, 2008, p. 111)

O lar de Eusebiozinho é descrito como uma “bastilha de mulheres”, lhe censurando nomes feios e o cigarro, comportamentos típicos da masculinidade. Por outro lado, essa educação lhe desenvolveu a “doçura de modos, ideias e sentimentos”, ou seja, comportamentos considerados naturais apenas para mulheres. A identidade masculina e feminina emergem como princípios antagônicos, mas tem no corpo o local de inscrição dos valores: a inscrição de posturas, os gestos, onde colocar as mãos, os modos de andar e de olhar, todos estes movimentos “estão prenhes de uma ética, de uma política e de uma cosmologia”. (BOURDIEU, 2012, p. 38)

Nelson Rodrigues retrata neste ponto os protótipos do masculino e do feminino, mas não apenas isso, há também uma importante prescrição moral: a educação do menino pode ser ‘estragada’ pelas mulheres. O leitor é levado a entender que existe um grande risco em segregar os meninos da vida pública e social e a consequente produção de sujeitos afeminados: “em nossas sociedades, por exemplo, tanto a menina quanto o menino podem ser educados conforme uma predestinação social que, de antemão, lhes impõe um sistema de atitudes correspondente aos estereótipos sociais”. (LE BRETON, 2012, p. 67)

Além disso, somos informados que suas irmãs não se casaram para não se afastar dos cuidados do rapaz. Aqui temos novamente outra forma de alienação das mulheres. A educação, espécie de complemento da ‘maternagem’, torna-se o centro de todas as funções sociais desta casa.

A vida idílica de Eusebiozinho é interrompida quando seu tio descobre o tipo de educação



que o jovem vem recebendo.

Um tio do rapaz vem visitar a família e pergunta: — Você tem namorada?  
— Não. — Nem teve? — Nem tive.

Foi o bastante. O velho quase pôs a casa abaixo. Assombrou aquelas mulheres transidas com os vaticínios mais funestos: “Vocês estão querendo ver a caveira do rapaz?”. Virou-se para d. Flávia: — Isso é um crime, ouviu?, é um crime o que vocês estão fazendo com esse rapaz! Vem cá, Eusébio, vem cá! Implacável, submeteu o sobrinho a uma exibição. Apontava: — Isso é jeito de homem, é? Esse rapaz tem que casar, rápido! (RODRIGUES, 1992, p. 41)

O tio, sendo homem, age enquanto um representante do meio público e social. Sua palavra é lei e sentenciosa: a falta de experiências com mulheres constitui um grave delito. A prova do crime é o corpo delicado do rapaz, a perda da virilidade, sendo agora avesso a cigarros e a nomes feios. Essa raiva que o tio sente pela situação também pode ser analisada a partir questão da humilhação: “a raiva e o ódio são tingidos de consciência da humilhação, havendo uma percepção de dominação moral que toma conta fisicamente da pessoa”. (REZENDE; COELHO, 2010) A situação é considerada humilhante e objeto de raiva porque o tio percebeu a perda de uma essência, no caso a virilidade do rapaz. A solução obrigatória e institucional só poderia ser única: o casamento.

Conforme Michel Foucault (1977), o casamento se consolida em sua forma moderna, desde o século XIX, como um forte instrumento controle e regulação dos corpos visando, sobretudo, a manutenção da heterossexualidade, as relações monogâmicas e a práticas sexuais consideradas saudáveis aos olhos da medicina. Sendo parte um complexo dispositivo da sexualidade, o casamento se constituiu como mecanismo de combate a inúmeros desvios, que iam desde homossexualidade como a prática do celibato.

Além disso, é preciso lembrar que o casamento por amor é uma invenção moderna. Rezende e Coelho (2010) argumentam que o amor, assim como as demais emoções, está sempre implicado num determinado contexto histórico e social.

Retomando o texto de Rodrigues, somos levados a acompanhar a saga em se conseguir uma esposa para Eusebiozinho que, novamente, em nada seria consultado. Iracema é o nome da escolhida. São os detalhes de seu corpo que nos revelam de quem se trata: “uma menina de dezessete anos, mas que tinha umas cadeiras de mulher casada. Cheia de corpo, um olhar rutilante, lábios grossos, ela produziu, inicialmente, uma sensação de terror no rapaz”. (RODRIGUES, 1992, p. 42) Apesar da pouca idade, é a descrição minuciosa das partes de seu corpo que revelam uma mulher desejável. O autor busca apresentar o estereótipo de uma mulher voluptuosa e disponível ao sexo, mas que tem como efeito reverso o terror provocado no rapaz.



Escolhida a pretendente começava o namoro do casal. No entanto, como seria de imaginar esta nova situação se tornaria objeto de constante vigilância.

Numa sala ampla da Tijuca, os dois namoravam. Mas jamais os dois ficaram sozinhos. De dez a quinze mulheres formavam a seleta e ávida assistência do romance. Eusebiozinho, estatelado numa inibição mortal e materialmente incapaz de segurar na mão de Iracema. Esta, por sua vez, era outra constrangida. Quem deu remédio à situação, ainda uma vez, foi o inconveniente e destemperado tio. Viu o pessoal feminino controlando o namoro. Explodiu: “Vocês acham que alguém pode namorar com uma assistência de Fla-Flu? Vamos deixar os dois sozinhos, ora bolas!”. Ocorreu, então, o seguinte: sozinha com o namorado, Iracema atirou-lhe um beijo no pescoço. O desgraçado crispou-se, eletrizado: — Não faz assim que eu sinto cócegas! (RÓDRIGUES, 1992, p. 42)

Acompanhamos aqui o tio novamente encerrando a vigília imposta pelas mulheres da família. Sua figura é imponente e capaz de dispersar toda a legião de mulheres que não faziam outra coisa senão atrapalhar o namoro do casal. Ao ficarem sozinhos é Iracema quem toma a iniciativa do primeiro beijo. Tal ação busca demonstrar a inversão dos valores esperados: ao comportamento masculino o ser ativo e dominador enquanto o feminino, a passividade, ou seja, “o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação”. (BOURDIEU, 2012, p. 31)

É interessante destacar também o modo como o conto articula emoções e reações corporais. No excerto acima, acompanhamos uma torrente de emoções atravessando o corpo do jovem. Contudo, para além de uma visão essencialista das emoções, Rezende e Coelho (2010, p. 28), destacam que o “modo como entendemos e vivenciamos o corpo é sempre mediado pelas formas de pensar cultural e historicamente construídas. Assim, torna-se difícil separar o que seria um fato biológico de um fato cultural”.

As tendências homoafetivas de Eusebiozinho são reforçadas pelo autor a partir das suas reações ao beijo recebido: um corpo crispado, eletrizado e que sente cócegas, ao invés de tesão, ao ser tocado por uma mulher. A posição passiva assumida pelo rapaz é entendida como algo próprio e exclusivo das mulheres: “num grupo, além de uma maneira adequada de reagir, alguns têm fama de serem mais ‘duros’ que outros ou mais ‘delicados’ e ‘sensíveis’. Frequentemente essas diferenças apontam para a educação recebida e o tipo de relação afetiva mantida com a mãe”. (LE BRETON, 2012, p. 54)

O próximo tópico narra os preparativos para o casamento. O detalhe mais importante é a fascinação que o vestido de noiva causa, principalmente no rapaz.

Um dia, Iracema apareceu, frenética, desfraldando uma revista. Descobrira uma coisa espetacular e quase esfregou aquilo na cara do Eusebiozinho: “Não é bacana esse



modelo?”. A reação do rapaz foi surpreendente. Se Iracema gostara do figurino, ele muito mais. Tomou-se de fanatismo pela gravura: — Que beleza, meu Deus! Que maravilha! (RODRIGUES, 1992, p. 42)

Neste trecho de novo temos o autor utilizando a inversão de valores para reforçar estereótipos homoafetivos. Segundo Bourdieu (2012), enquanto os homens têm menos necessidade de investir na aparência e trajes devido a sua posição privilegiada na hierarquia social, as mulheres necessitam investir constantemente no que o autor chama de ‘mercado de bens simbólicos’. A aparência e vestes entram como parte de um investimento na capacidade de sedução e de autovalorização, algo que os homens não necessitam por já estarem no lado da dominação simbólica.

É possível trazer aqui, também, a interessante comparação que Compagnon (1996) realiza entre a confecção de vestuários e a atividade da escrita. Usando como metáfora a criança que não consegue recortar e colar, ele menciona a inveja que sente da mãe costureira que pode manusear tesouras pontiagudas e colas super aderentes: “[...] subverto a regra, desfiguro o mundo: uma roupa feminina sobre um corpo masculino, e vice-versa. Compondo monstros, acabo por aceitar a fatalidade do fracasso e da imperfeição”. (COMPAGNON, 1996, p. 10) Apesar de remeter à prática da escrita, acredito que vale observar uma interessante semelhança entre a fascinação da criança de Compagnon com a grande emoção que Euzebiozinho sente sobre o vestido de noiva.

O conto *Delicado* encerra com o sumiço do vestido e uma grande reviravolta. Um enorme alvoroço ocorre na procura do vestido, chegando envolver até a polícia. A conclusão da história é bastante dramática e como é típico das histórias de Nelson Rodrigues termina com grande violência:

O mistério era a verdade, alucinante: Quem poderia ter interesse num vestido de noiva? Todas as investigações resultaram inúteis. E só descobriram o ladrão quando dois dias depois, pela manhã, d. Flávia acorda e dá com aquele vulto branco, suspenso no corredor. Vestido de noiva, com véu e grinalda — enforcara-se Euzebiozinho, deixando o seguinte e doloroso bilhete: “Quero ser enterrado assim”. (RODRIGUES, 1992, p. 43)

Símbolo máximo da feminilidade, quem poderia ter interesse num vestido de noiva senão uma mulher? Como salientado anteriormente, a aparência e os trajes fazem parte da necessidade das mulheres concorrerem no mercado de bens simbólicos. O casamento é entendido como o ápice deste momento e tem no vestido o seu maior investimento. O fato do rapaz roubar e depois se enforcar usando estes trajes deve ser entendido como altamente simbólico, no ponto de vista do drama.

É interessante mencionar o conto *Noiva da Morte* (RODRIGUES, 2016), também escrito por Nelson Rodrigues. Apesar de trazer outras personagens e outra ambientação, segue exatamente o mesmo trajeto: um rapaz destinado a se casar pela força das circunstâncias, rouba o vestido da



noiva na véspera do casamento e acaba cometendo suicídio com estes trajes. Mais do que um ‘autoplágio’, o que se pode depreender da perspectiva do autor é que o desejo homoafetivo é destinado à tragédia e seu final só pode ter como resultado a morte violenta.

### 5 Considerações

Apesar de bastante criticado em sua época, Nelson Rodrigues se tornou um dos maiores nomes da literatura nacional. Ao tocar em temas controversos, o autor conseguiu expressar de forma bastante intensa as diferentes mudanças do período que viveu.

Conforme Carvalho Júnior (2015), os contos de Nelson Rodrigues contêm uma estrutura organizada em três atos: num primeiro momento temos a ambientação em que conhecemos as personagens e a rotina delas que, de um modo geral, gira em torno de sua posição familiar. Num segundo momento ocorre uma situação de crise que emerge trazendo algum tipo de impasse. Aqui acompanhamos a decadência de algum valor fundamental, por exemplo, a infidelidade (quase sempre feminina) ou um desejo fora dos padrões habituais (como no caso da homoafetividade). O terceiro momento dos contos normalmente se encaminham para um final trágico. Neste ponto é comum acompanharmos o protagonista sofrer algum tipo de morte violenta e mesmo quando isso não ocorre tem-se algum tipo de escracho moral, igualmente violento.

Esta dinâmica trágica não tem relação apenas com a vida familiar e privada, pois está totalmente atrelada às transformações sociais e econômicas do qual os contos de Nelson Rodrigues foram uma espécie de porta-voz:

Encontrando imensas dificuldades em assumir os novos valores que a cidade moderna trazia, e ao mesmo tempo não se encaixando mais nos estreitos moldes da família patriarcal, os personagens irrompem no trágico (e na morte) como um modo de fugir ou pôr fim a este conflito. (CARVALHO JÚNIOR, 2015, p. 45)

O roubo do vestido e o suicídio que se seguiu apresenta aos leitores um final trágico, típico da ótica conservadora de Nelson Rodrigues. A violência simbólica presente no conto buscava demonstrar que as pessoas homoafetivas não teriam lugar neste mundo. Contudo, apesar de todo o sofrimento que passam, as pessoas ‘delicadas’ resistem e continuam presentes, seja na casa ou na rua.

---

### Referências

ALVES, P. C.; LEÃO, A. B.; TEIXEIRA, A. L. Sociologia da Literatura: tradições e tendências contemporâneas. *Revista Brasileira de Sociologia*, Porto Alegre, v. 6, n. 12, p. 222-241, 2018. Disponível em: <https://rbs.sbsociologia.com.br/index.php/rbs/article/>



view/360/209. Acesso em: 29 nov. 2022.

BOURDIEU, P. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2012.

DAMATTA, R. *A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CARVALHO JÚNIOR, R. F. *A vida como ela é... E a modernização dos valores*. 2015. 94 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

CASTRO, R. *O anjo pornográfico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

COMPAGNON, A. *O trabalho da citação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

FACINA, A. *Literatura & Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004a.

FACINA, A. *Santos e Canalhas: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2004b.

FRAZÃO, P.; ROSÁRIO, R. O coming out de gays e lésbicas e as relações familiares. *Revista Análise Psicológica*, Lisboa, v. 26, n. 1, p. 25-45, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3gMCTny>. Acesso em: 10 jul 2022.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977.

LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MAUSS, M. A expressão obrigatória dos sentimentos (rituais orais funerários australianos). *Ensaio de Sociologia*, Florianópolis, v. 2, p. 325-335, 1981.

NASCIMENTO, G. C. M.; SCORSOLINI-COMIN, F. A Revelação da homossexualidade na família: revisão integrativa da literatura científica. *Temas em psicologia*, Ribeirão Preto, v. 26, n. 3, p. 1527-1541, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3GVYriB>. Acesso em: 10 jul 2022.

REIS, T. (org). *Manual de Comunicação LGBTI+*. 2ª ed. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018.

REZENDE, C. B.; COELHO, M. C. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RODRIGUES, N. *A vida como ela é: o homem fiel e outros contos*. Seleção Ruy Castro. São Paulo: Companhia de Letras, 1992.

RODRIGUES, N. *A vida como ela é, Volume I*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

SANTOS, A. F.; FERNANDES, S. C. Enfrentamento, locus de controle e preconceito: um estudo com pessoas de orientação sexual homoafetiva. *Psicologia em revista*, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 101-119, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3Uiwo7K>. Acesso em: 10 jul 2022.

SOUZA, F. Gênero e “raça” na literatura brasileira. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 32, p. 103-112, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3Una0SZ>. Acesso em: 15 set 2022.

SOUZA, F. N.; DALBERTO, L. C. Patroas vs empregadas: o conflito das classes retratado nas telenovelas. *Logos*, Maracanã, v. 20, n. 1, p. 114-128, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3UiCf5l>. Acesso em: 15 set 2022.

SOARES, L. V.; MACHADO, P. S. “Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. *Revista psicologia política*, São Paulo,



v. 17, n. 39, p. 203-219, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2Yukqbv>. Acesso em: 15 set. 2022.

SOUSA, I. B. “Delicado” de Nelson Rodrigues: a homofobia no âmbito familiar. *Anais do Cidil*, Porto Alegre, v. 8, p. 286-304, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3XGvBsD>. Acesso em: 10 jul. 2022.

TAKARA, S. Histórias de meninos afeminados: resistência e política nas leituras de artefatos culturais. *Entrelaces*, Fortaleza, v. 2, n. 9, p. 226-244, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3AUDSPO>. Acesso em: 10 jul. 2022.

TAKARA, S.; BORGES-TEIXEIRA, N. Representações semióticas de personagens homossexuais: contrastes entre a representação do filme “Little Miss Sunshine” e da crônica “Delicado” de Nelson Rodrigues. *Revista Eletrônica Polidisciplinar Voos*, Curitiba, v. 3, p. 4-18, 2011.

VALENTE, P. A morte como higienização social/sexual na obra de Nelson Rodrigues: uma leitura de gênero, sexualidade e masculinidades. *Anuário de literatura*, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 115-129, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3XH3Pfs>. Acesso em: 10 jul. 2022.

VELHO, G. *Projeto e Metamorfose*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

VELHO, G. *Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

